


**A INFLUÊNCIA DO ESTIGMA SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DE JOVENS
LGBTQIAPN+ NO BRASIL: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL SOB A ÓTICA
PSICANALÍTICA DECOLONIAL**

**THE INFLUENCE OF SOCIAL STIGMA ON THE PSYCHOLOGICAL DEVELOPMENT OF
LGBTQIAPN+ YOUTH IN BRAZIL: AN INTERSECTIONAL ANALYSIS FROM A
DECOLONIAL PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE**

 <https://doi.org/10.63330/armv2n6-022>

Submetido em: 19/06/2026 e Publicado em: 26/06/2026

Railon Fernandes Tavares de Lima
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Olyver Tavares de Lemos Santos
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Rachel de Oliveira Rabelo
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Doyane Kate Soares Vieira
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Luciana Maria Dias Mota
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Nayla Júlia Silva Pinto
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Regiane Cristina do Amaral Santos
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Glaciane Sousa Reis
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Gregório Otto Bento de Oliveira
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

Luciene Alves dos Santos Silva
Faculdade Anhanguera de Brasília. DF

RESUMO

Este artigo científico propõe uma análise aprofundada da influência interseccional de estigmas sociais no desenvolvimento e na saúde psíquica de jovens pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ no contexto brasileiro. A investigação não se restringe à mera observação, mas articula de forma crítica e inovadora perspectivas psicanalíticas decoloniais, a teoria fanoniana e os estudos contemporâneos sobre



interseccionalidade. Essa fundamentação teórica robusta permite ir além das explicações individualizantes do sofrimento. Uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva, o estudo se dedica a esmiuçar o profundo sofrimento psíquico que é sistematicamente engendrado e mantido por estruturas sociais, raciais e coloniais profundamente enraizadas na sociedade brasileira. Os resultados da análise são categóricos e revelam que os mecanismos de estigma e opressão não operam isoladamente, mas se retroalimentam e se intensificam dramaticamente em contextos de cruzamento entre marcadores sociais como raça, classe, território e religiosidade. Essa constatação sublinha a particular vulnerabilidade de jovens que ocupam múltiplas posições de subalternidade, como a juventude LGBTQIAPN+ negra e periférica. Diante desse quadro, o estudo exige, como implicação direta, a adoção de abordagens clínicas e psicossociais que sejam intrinsecamente sensíveis à complexidade da vida desses sujeitos. Tais abordagens devem estar visceralmente comprometidas com o processo de despatologização das identidades e do sofrimento. A pesquisa reafirma que o intenso sofrimento psíquico experienciado por esta juventude não pode ser interpretado como um simples desajuste individual ou falha pessoal. É, ao invés disso, o produto direto e manifesto dos persistentes mecanismos sociais, históricos e institucionais de opressão e violência simbólica que estruturam a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Estigma social; Interseccionalidade; Psicologia decolonial; Jovens LGBTQIAPN+; Psicanálise crítica.

ABSTRACT

This scientific article proposes an in-depth analysis of the intersectional influence of social stigmas on the development and mental health of LGBTQIAPN+ youth in the Brazilian context. The investigation goes beyond mere observation, critically and innovatively integrating decolonial psychoanalytic perspectives, Fanonian theory, and contemporary studies on intersectionality. This robust theoretical framework allows for moving beyond individualizing explanations of suffering. Through a qualitative and descriptive literature review, the study examines the profound psychological distress systematically engendered and sustained by social, racial, and colonial structures deeply rooted in Brazilian society. The analysis reveals unequivocally that mechanisms of stigma and oppression do not operate in isolation; rather, they reinforce one another and intensify dramatically where social markers—such as race, class, territory, and religiosity—intersect. This finding highlights the particular vulnerability of young people occupying multiple positions of subalternity, such as Black and marginalized LGBTQIAPN+ youth. Consequently, the study calls for the adoption of clinical and psychosocial approaches that are intrinsically sensitive to the complexities of these individuals' lives. Such approaches must be deeply committed to the process of depathologizing identities and suffering. The research reaffirms that the intense psychological distress



experienced by these young people cannot be interpreted merely as an individual maladjustment or personal failure. Instead, it is the direct and manifest product of persistent social, historical, and institutional mechanisms of oppression and symbolic violence that structure Brazilian society.

Keywords: Social stigma; Intersectionality; Decolonial psychology; LGBTQIAPN+ youth; Critical psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ no Brasil ocorre em um contexto sociocultural que ainda carrega muitas marcas coloniais. Essas marcas se atualizam na contemporaneidade por meio de estigmas em torno da diversidade sexual e de gênero, sustentando uma lógica cis-heteronormativa que insiste em se afirmar como natural e universal. A escolha do termo LGBTQIAPN+, mais amplo, busca justamente reconhecer a pluralidade de experiências invisibilizadas por essa colonialidade de gênero e sexualidade. Ele abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, pansexuais e Não-binários, o sinal '+' a incluir todas as outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam nestas categorias e que fogem ao padrão normativo da sociedade atual.

O estigma social, que é entendido não apenas como preconceito, mas como uma rede de significados pejorativos que atravessam corpos e subjetividades, impacta profundamente o modo como esses jovens se constituem psiquicamente (Goffman, 2018). Essa constatação não nasce apenas de dados objetivos, mas da escuta clínica e da observação de como esse peso simbólico se atualiza na vida cotidiana.

A motivação deste estudo está em dar visibilidade ao sofrimento psíquico que atinge essa população. Os números recentes do Disque 100, que em 2024 apontaram um aumento de 22,6% nas denúncias de violações de direitos humanos em relação ao ano anterior, revelam a escalada da violência (Brasil, 2025). Entretanto, a ausência de dados oficiais que articulem marcadores como raça, gênero, sexualidade e classe denuncia um apagamento institucional, o que é ainda mais grave. Não se trata apenas de uma falha burocrática, mas de uma decisão política que ecoa a “zona do não-ser” de Fanon (2020a). Ao não registrar esses corpos, o Estado reforça sua marginalização, perpetuando o que poderíamos chamar de um silêncio estatístico.

Essa análise exige uma lente interseccional. O conceito de interseccionalidade de Crenshaw (2002) nos ajuda a perceber como diferentes identidades se sobrepõem, mas, no Brasil, essa sobreposição assume contornos singulares. Jovens LGBTQIAPN+ negros, periféricos ou de contextos religiosos conservadores enfrentam camadas adicionais de exclusão que intensificam sua vulnerabilidade. É nesse



ponto que a contribuição de Fanon (2020a), através do conceito de sociogênese, nos ajuda a pensar como uma estrutura colonial não apenas oprime, mas também organiza a subjetividade desde cedo, fazendo com que o “não lugar” social reverbere na constituição psíquica.

A questão que se coloca, portanto, é: de que modo o estigma social interseccional afeta o desenvolvimento psíquico desses jovens, e como uma leitura psicanalítica decolonial pode iluminar suas estratégias de resistência? Colocar essa pergunta em primeiro plano é uma forma de tensionar a própria psicologia e a psicanálise, que muitas vezes, tendem a universalizar categorias clínicas sem considerar as marcas históricas da colonialidade.

Portanto, o objetivo central deste trabalho é analisar a influência dos estigmas interseccionais no desenvolvimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ no Brasil, articulando a psicanálise decolonial com teorias fanonianas e estudos interseccionais. Como objetivos específicos, pretende-se mapear os estigmas sociais mais recorrentes na experiência dessa população, examinar como diferentes marcadores identitários se cruzam com a sexualidade e o gênero, investigar os efeitos psíquicos dessa sobreposição de opressões e discutir as estratégias de enfrentamento e resistência construídas no cotidiano, indicando caminhos para uma clínica mais crítica, culturalmente situada e aberta ao desafio da diferença.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo. Essa escolha metodológica não foi apenas técnica, mas também política: compreender o impacto do estigma social no desenvolvimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ exige um esforço de pensamento crítico, capaz de transpassar fronteiras disciplinares e colocar em diálogo a psicanálise, as teorias decoloniais, os estudos de gênero e raça e, inclusive, produções que escapam ao cânone acadêmico tradicional.

A pesquisa foi conduzida em bases reconhecidas, como *SciELO*, Google Acadêmico e EDUCapes, além de repositórios de teses e dissertações de universidades brasileiras (USP e Unirio. Contudo, compreendendo que o conceito de colonialidade na sua complexidade não se reduz apenas aos textos acadêmicos, buscou-se também relatórios de direitos humanos, produções culturais e narrativas autobiográficas. Essa ampliação não teve caráter ilustrativo, mas buscou tensionar o lugar de onde se produz conhecimento, reconhecendo que a vivência concreta desses jovens e sua subjetividade são fontes legítimas de saber.

O recorte temporal abrangeu publicações entre 2015 e 2024, de modo a captar tanto a produção mais recente quanto o acúmulo de debates do último período. Foram incluídos artigos, livros, teses e relatórios em português e inglês que tratassem diretamente da relação entre juventude LGBTQIAPN+,



saúde mental, estigma social e colonialidade. Optou-se por excluir trabalhos estritamente biomédicos ou que permaneciam em análises descoladas das estruturas sociais, por compreender que tais perspectivas, quando isoladas, tendem a reproduzir o epistemicídio de saberes críticos e marginalizados.

Com o objetivo de realizar uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva de alto rigor e posicionamento ético-político, o processo de busca foi estruturado através do uso estratégico de operadores booleanos. A pesquisa utilizou três conjuntos principais de combinações: o primeiro envolveu ("LGBTQIAPN+" OR "diversidade sexual") AND ("estigma social" OR "interseccionalidade"); o segundo focou em ("Frantz Fanon" OR "psicanálise decolonial") AND "Brasil"; e o terceiro explorou ("saúde mental LGBTQ+") AND "jovens". Este processo de triagem permitiu que a seleção das fontes fosse criteriosa, privilegiando artigos, estudos e textos que não se limitavam a descrever a realidade do sofrimento psíquico, mas que, intrinsecamente, a problematizavam sob as lentes críticas das opressões sociais e históricas.

Durante a elaboração deste trabalho, recorreu-se de forma complementar ao uso de Inteligência Artificial generativa (ChatGPT, OpenAI, 2025), restrito a revisões textuais e ajustes de clareza. Ressalta-se que toda a análise teórica e crítica foram conduzidas pelo autor. Ao mesmo tempo, tais ferramentas, produzidas majoritariamente em contextos de países colonizadores, carregam vieses e limites que exigem uma postura ética e reflexiva em sua utilização, evitando tratá-las como instrumentos neutros de produção de conhecimento.























2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revelou que a compreensão do sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ no Brasil exige um arcabouço teórico que transcenda as explicações individualizantes e psicopatologizantes. O resultado desta revisão bibliográfica é a articulação de um conjunto de conceitos provenientes da teoria decolonial, da psicanálise crítica e dos estudos interseccionais, que juntos, oferecem um modelo explicativo robusto para o fenômeno. Este referencial demonstra que o estigma não é um evento isolado, mas um efeito de estruturas históricas de poder que se manifestam na subjetividade.

Dados recentes confirmam a severidade da crise de saúde mental que afeta essa população. Estudos realizados no Brasil, mesmo antes da crise sanitária da COVID-19, já apontavam para a íntima relação entre baixa escolaridade, baixo nível socioeconômico, violência e dificuldades de acesso a serviços de saúde nas experiências de vida de pessoas LGBTQIAPN+, **Figura 1** (Santana et al. 2024). A prevalência de transtornos mentais não psicóticos e sintomas de ansiedade é significativamente elevada neste grupo (Dornelles et al. 2023), que apresenta consistentemente maior risco para o desenvolvimento de sofrimento psíquico quando comparado à população heterossexual (Francisco et al. 2020). Essa disparidade não é um acaso, mas o resultado direto de uma exposição crônica a ambientes sociais hostis.



Figura 1 – Resumo estatístico do estudo de Santana e col. 2024.

AMOSTRA TOTAL E CRITÉRIOS		GEOGRAFIA (5 Regiões)																									
 N Total: 362 pessoas			Região Nordeste: 64,3%																								
 Participação: Leitura e Aceite do TCLE on-line. Atenderam critérios de inclusão			Região Sudeste: 18%																								
			Região Sul: 7,5%																								
			Região Norte: 6,1%																								
			Região Centro-Oeste: 4,2%																								
FAIXA ETÁRIA E ORIENTAÇÃO SEXUAL		IDENTIDADE DE GÊNERO 																									
FAIXA ETÁRIA	ORIENTAÇÃO SEXUAL 																										
 Variação: 18 a 60 anos 	<table border="0"><tr><td>1</td><td>Gays: 49,9%</td><td></td><td>Gays</td></tr><tr><td>2</td><td>Bissexuais: 23,8%</td><td></td><td>Bissexua</td></tr><tr><td>3</td><td>Lésbicas: 14,7%</td><td></td><td>Pans</td></tr><tr><td>4</td><td>Pansexuais: 6,1%</td><td></td><td>Asses</td></tr><tr><td>5</td><td>Assexuais: 3,9%</td><td></td><td>Trans</td></tr><tr><td>6</td><td>Heterossexuais: 1,7%</td><td></td><td></td></tr></table>	1	Gays: 49,9%		Gays	2	Bissexuais: 23,8%		Bissexua	3	Lésbicas: 14,7%		Pans	4	Pansexuais: 6,1%		Asses	5	Assexuais: 3,9%		Trans	6	Heterossexuais: 1,7%				
1	Gays: 49,9%		Gays																								
2	Bissexuais: 23,8%		Bissexua																								
3	Lésbicas: 14,7%		Pans																								
4	Pansexuais: 6,1%		Asses																								
5	Assexuais: 3,9%		Trans																								
6	Heterossexuais: 1,7%																										
		1	Homens Cisgênero: 60,4%																								
		2	Mulheres Cisgênero: 30,5%																								
		3	Pessoas Não Binárias: 5,3%																								
		4	Homens Trans/Transmasculinos: 1,9%																								
		5	Mulheres Trans/Travestis: 1,9%																								

Fonte: (Adaptada – OpenAI., 2026). Santana et al., 2024.

A ferida colonial, conforme teorizada por Frantz Fanon (2020a, 2020b), emergiu como um ponto de partida incontornável. Seus conceitos de "Zona do NãoSer" e "Sociogênese" (Fanon,2020a) foram essenciais para conectar a opressão social estrutural à formação psíquica individual. A "Zona do Não-Ser" descreve o espaço simbólico e material de desumanização criado pelo colonialismo, onde o sujeito colonizado é privado de reconhecimento ontológico. Na formulação original do autor, "no fundo de seu novo tipo de existência, há uma zona de não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, da qual pode nascer um autêntico ressurgimento" (Fanon, 2020a, p. 26).

Para jovens LGBTQIAPN+, especialmente aqueles atravessados por marcadores de raça e classe, ser situado nesta zona significa ter sua existência constantemente questionada e invalidada, legitimando a violência contra seus corpos e subjetividades. Já sociogênese complementa a ontogênese freudiana ao afirmar que a constituição do psiquismo é primariamente determinada pelas estruturas sociais e históricas da opressão (Fanon,2020a). Assim, o sofrimento psíquico não é apenas uma questão de conflitos internos, mas uma resposta direta a um mundo socialmente organizado para negar sua humanidade.

Contudo, a análise da realidade brasileira demonstrou que a opressão não acontece de forma homogênea. A teoria da interseccionalidade, proposta por Kimberlé Crenshaw (2002), funcionou como uma ferramenta analítica indispensável para compreender como diferentes eixos de poder, como racismo, LGBTfobia, classismo e machismo, se cruzam, criando experiências únicas de vulnerabilidade. Conforme a autora propõe:



“A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Crenshaw, 2002, p.177).

Um jovem trans, negro e periférico não sofre a soma de racismos e homofobias, mas uma forma específica e intensificada de opressão que não pode ser compreendida isoladamente. Essa perspectiva desfaz a noção de uma experiência LGBTQIAPN+ universal e evidencia as hierarquias existentes dentro da própria comunidade.

Estudos brasileiros contemporâneos têm aplicado a "lente interseccional" para demonstrar como a estrutura de opressão da homofobia é análoga e se entrelaça com a do racismo, utilizando táticas semelhantes de estigmatização do "outro" para justificar a hegemonia de um grupo normativo (SILVA et al. 2020). A análise de políticas públicas para a população LGBTQIAPN+ no Brasil revela que, embora os princípios de transversalidade e interseccionalidade sejam frequentemente invocados nos documentos oficiais, sua efetivação encontra severos obstáculos, como a falta de investimento governamental e a resistência institucional (Filice e Muller 2024).

O aprofundamento dessa discussão no contexto nacional foi viabilizado pelo diálogo com pensadoras brasileiras. Lélia Gonzalez (1983), ao diagnosticar o racismo como a "sintomática da neurose cultural brasileira", ofereceu uma chave de leitura psicanalítica para o país. Para ela, a sociedade opera sob o mecanismo da denegação (Verneinung), recalando sua violência racial fundadora através do mito da democracia racial. Como aponta a autora, "o neurótico, em primeiro lugar, nega a sua condição de neurótico. Exatamente como o brasileiro que diz que no Brasil não tem racismo. É a denegação" (Gonzalez, 1983, p. 224). É nesse momento que se observa a invalidação da percepção da realidade por parte dos sujeitos oprimidos. Sueli Carneiro (2005), com o conceito de "epistemicídio", aprofundou essa análise ao descrever o processo de apagamento dos saberes e da confiança intelectual de grupos marginalizados. Segundo a filósofa, o epistemicídio é:

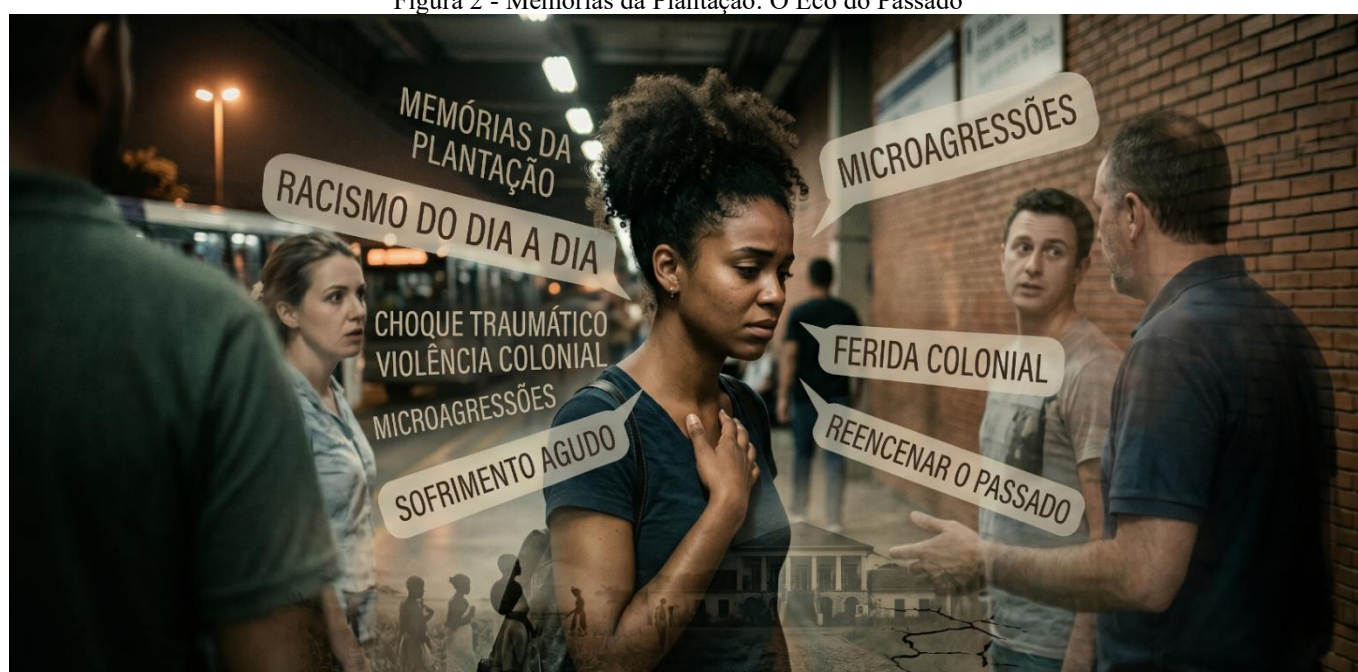
[...] um processo persistente de produção da indigência cultural por diferentes vias: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento; pelo rebaixamento da capacidade cognitiva devido à carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2005, p. 97).

Para jovens LGBTQIAPN+ negros, o epistemicídio se manifesta na desqualificação de suas experiências, que são introjetadas como um acúmulo de déficits, minando a autoestima e a capacidade de se reconhecerem como sujeitos de conhecimento.



A obra da psicanalista Grada Kilomba (2019), *Memórias da Plantação*, forneceu a ponte entre a teoria macrossocial e a realidade concreta do sofrimento clínico cotidiano, **Figura 2**. Kilomba demonstrou como o racismo do dia a dia é vivenciado como um choque traumático que reencena a violência colonial no presente. Interações aparentemente banais, como olhares de estranhamento ou perguntas invasivas, funcionam como "microagressões" que reativam a ferida colonial e produzem sofrimento agudo. Nas palavras da autora, "o racismo cotidiano descreve uma realidade na qual o passado colonial e o presente pós-colonial não são dois fenômenos separados, mas um continuum de tempo e espaço" (Kilomba, 2019, p. 30).

Figura 2 - Memórias da Plantação: O Eco do Passado



Fonte: (Adaptada – OpenAI). Kilomba, 2019

Esse entendimento permite analisar clinicamente como o ambiente social atua como um agente patogênico contínuo. O **Quadro 1**, sintetiza este arcabouço teórico, que constitui o principal resultado desta investigação.



Quadro 1: Arcabouço Teórico para Análise do Sofrimento Psíquico

Autor / Conceito	Definição Central	Aplicação na Análise do Sofrimento Psíquico
Frantz Fanon Zona do Não-Ser	Espaço simbólico e material de desumanização criado pelo colonialismo, onde o sujeito colonizado é privado do reconhecimento ontológico.	Analisa como jovens LGBTQIAPN+ negros e periféricos são situados fora da norma "humana" (branca, cis-hetero), legitimando a violência contra eles.
Frantz Fanon Sociogênese	Princípio que afirma que a constituição do psiquismo é determinada primariamente pelas estruturas sociais e históricas da opressão.	Conecta o estigma social diretamente à formação da identidade e ao sofrimento psíquico, justificando a análise psicanalítica de fenômenos sociais.
Kimberlé Crenshaw Interseccionalidade	Ferramenta analítica que mostra como diferentes eixos de opressão se cruzam, criando experiências únicas de vulnerabilidade.	Permite compreender por que um jovem gay negro e pobre não sofre a soma de racismos e homofobias, mas uma forma específica e intensificada de opressão.
Lélia Gonzalez Neurose Cultural Brasileira	Diagnóstico do Brasil como uma sociedade que recalca sua violência racial fundadora através do mito da democracia racial, operando pela denegação (<i>Verneinung</i>).	Explica a natureza ambígua do estigma no Brasil, que coexiste com sua negação, gerando confusão e invalidação da percepção da realidade.
Sueli Carneiro Epistemicídio	Aniquilamento dos saberes, da confiança intelectual e da condição de sujeito de conhecimento de populações subalternizadas.	Demonstra como a invalidação das experiências de jovens LGBTQIAPN+ negros contribui para a internalização do estigma e o rebaixamento da autoestima.
Grada Kilomba Memórias da Plantação	Análise psicanalítica do racismo cotidiano como reencenação traumática da violência colonial, que se manifesta em interações aparentemente banais.	Oferece um método para analisar clinicamente como "microagressões" funcionam como traumas que reativam a ferida colonial e produzem sofrimento agudo.

Fonte: (Adaptado). Lima, 2025

A análise do referencial apresentado no **Quadro 1**, evidencia que a experiência de sofrimento de jovens LGBTQIAPN+ no Brasil não pode ser adequadamente compreendida sem a consideração rigorosa das estruturas sociais, históricas e coloniais que a produzem. A articulação entre a sociogênese fanoniana, a interseccionalidade de Crenshaw e as contribuições de pensadoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Grada Kilomba oferece um alicerce robusto para uma psicologia que seja, ao mesmo tempo, clínica e politicamente comprometida, capaz de responder aos desafios impostos pela realidade brasileira.

3 CONCLUSÃO

Ao final desta investigação, foi possível constatar que os objetivos propostos foram alcançados. A análise da literatura permitiu responder ao problema de pesquisa, confirmando que o estigma social interseccional impacta profundamente o desenvolvimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ no Brasil, e que uma abordagem psicanalítica decolonial oferece ferramentas essenciais para a compreensão dos



processos de subjetivação e resistência. A pesquisa demonstrou que o sofrimento psíquico vivenciado por essa população não é um mero desajuste individual, mas uma consequência direta de uma estrutura social que, herdando lógicas coloniais, posiciona sistematicamente certos corpos e existências na "zona do não-ser".

A síntese dos resultados evidenciou que a articulação entre a sociogênese fanoniana, a interseccionalidade e as contribuições do pensamento negro brasileiro é indispensável para uma análise rigorosa do fenômeno. Este arcabouço teórico permitiu desvelar como o sofrimento se manifesta de formas distintas e intensificadas quando marcadores de raça, classe e território se cruzam com a identidade de gênero e a orientação sexual. A discussão superou uma visão fragmentada da opressão, mostrando que as violências não se somam, mas se potencializam, criando realidades de vulnerabilidade únicas que precisam ser nomeadas e compreendidas em sua especificidade.

A partir das reflexões desenvolvidas, este estudo propõe algumas diretrizes para uma prática clínica decolonial. Em primeiro lugar, é fundamental o letramento racial e interseccional do terapeuta, que deve reconhecer sua própria posição na estrutura de poder. Em segundo, a prática clínica deve suspender a tendência à patologização individual, treinando a escuta para identificar como sintomas como ansiedade e depressão podem ser respostas compreensíveis a uma realidade social adoecedora. Adicionalmente, é preciso validar a raiva como uma potência de vida e força motriz para a mudança, em vez de um afeto a ser contido. Por fim, a clínica deve focar na desalienação e no fortalecimento das estratégias de resistência que o sujeito já desenvolve, auxiliando na construção de narrativas de si que escapem à lógica colonial da "não-existência".

Reconhece-se que, por se tratar de uma revisão bibliográfica, este trabalho possui limitações, notadamente a ausência de dados empíricos diretos. Contudo, ele se propõe a ser um ponto de partida. Sugere-se que trabalhos futuros possam aprofundar esta investigação por meio de pesquisas de campo, como estudos de caso e entrevistas, que deem voz às experiências vividas de jovens LGBTQIAPN+ no Brasil. Tais estudos poderiam explorar com mais detalhes as estratégias cotidianas de resistência, a criação de redes de apoio e a construção de subjetividades resilientes em meio à adversidade, contribuindo para que a psicologia no Brasil possa, cada vez mais, decolonizar suas práticas e escutas, afirmando a vida em suas múltiplas expressões.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Disque 100: relatório anual 2024**. Brasília, DF: MDHC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/ptbr/acesso-a-informacao/dados-abertos/disque100>. Acesso: 14 set. 2025.



CARNEIRO, S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso: 30 de out. 2025.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=html&lang=pt>. Acesso: 30 de out. 2025.

DORNELLES, Thayane Martins et al. Mental health assessment of the Brazilian LGBTQIAP+ population during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional study. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 57, p. e20230148, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/Z9fHvfC9ZdDXD8LZVypTb4H/?lang=en>. Acesso: 29 de out. 2025.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2020b.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020a.

FRANCISCO, L. C. F. DE L.; BARROS, A. C.; PACHECO, M. DA S.; NARDI, A. E.; ALVES, V. DE M. Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 69, n. 1, p. 48–56, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/gwKpPNSBpdzvNbR6fCY5V7S/?lang=pt>. Acesso: 29 de out. 2025.

FILICE, Renísia Cristina Garcia; MULLER, Cristina Besen. Transversalidade e interseccionalidade em políticas públicas LGBTQIA+ em Florianópolis. **Revista Estudos Feministas**, v. 32, p. e87784, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DF4KwmZBqcykwM5dfQQ99kz/?format=html&lang=pt>. Acesso: 29 de out. 2025.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/wp-content/uploads/2018/04/goffman2c-e-estigmanotassobre-a-manipulac3a7c3a3o-da-identidade-deteriorada.pdf>. Acesso: 30 de out. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984. Disponível em: <https://elizabethruano.com/wp-content/uploads/2019/07/Gonzales-1984-RacismoSexismo-na-Cultura-Brasileira.pdf>. Acesso: 29 de out. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

SANTANA, S.; LÍLIA, A.; CATARINE SANTANA FLORÊNCIO; CAVALCANTE, E. “Nossa saúde mental foi totalmente desestruturada!”: o Discurso do Sujeito Coletivo sobre as repercussões da pandemia da Covid-19 na saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+ brasileiras. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, 2024. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2024.v34/e34072/pt/>. Acesso: 30 de out. 2025.

SILVA, Dhones Stalbert Nunes; DE MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves; SANTOS, Maria do Carmo Gonçalves. Homofobia e interseccionalidade: Sentidos condensados a partir de uma pesquisa



bibliográfica. **Interritórios**, v. 6, n. 10, p. 200224, 2020. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/revistas>. Acesso: 30 de out. 2025.